

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

NAYARA ANGRA LISBÔA SOARES

**O ENLACE ENTRE A ILUSTRAÇÃO E A CRIAÇÃO LITERÁRIA: DUAS ÁREAS
QUE SE UNEM A FAVOR DO LEITOR E DA LITERATURA INFANTIL**

**MATINHOS
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

NAYARA ANGRA LISBÔA SOARES

**O ENLACE ENTRE A ILUSTRAÇÃO E A CRIAÇÃO LITERÁRIA: DUAS ÁREAS
QUE SE UNEM A FAVOR DO LEITOR E DA LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
finalização para obtenção do diploma no curso de
licenciatura em artes, pela Universidade Federal do Paraná-
Setor Litoral em Matinhos/Pr.

Sob orientação: Profª Drª Luciana Ferreira

**MATINHOS
2015**

RESUMO

Esta monografia teve com finalidade enfatizar a importância da Literatura Infantil, bem como o hábito de leitura desde a infância, pois ela proporciona o prazer e a ludicidade, além de auxiliar no desenvolvimento da criança, iniciando assim o processo do indivíduo pensante e crítico. Para isso, traz os conceitos do desenvolvimento infantil e as etapas da criança como leitor. Também enfatiza a importância do livro infantil e sua qualidade, tanto no texto escrito quanto na ilustração que apresenta, ou seja, qualidade em todo o conjunto da obra. Além disso, relata adaptações realizadas em histórias para apresentações teatrais, adaptações estas que culminaram na construção de uma obra literária.

Palavras – Chave: Literatura infantil, Hábito de Leitura, Livro infantil, Qualidade

ÍNDICE DE FIGURAS

QUADRO 1.....	21
FIGURA 1.....	24
FIGURA 2.....	25
FIGURA 3.....	26
FIGURA 4.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1.....	09
1.1 LITERATURA INFANTIL.....	09
1.2 A LITERATURA INFANTIL: ORAL E ESCRITA.....	09
1.3 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA.....	10
1.4 O LIVRO INFANTIL.....	12
1.5 O LEITOR DO LIVRO INFANTIL.....	12
1.6 O LIVRO INFANTIL DE QUALIDADE.....	16
1.7 O LIVRO INFANTIL E A ILUSTRAÇÃO.....	17
1.8 O LIVRO INFANTIL E A LINGUAGEM VERBAL.....	18
CAPÍTULO 2.....	23
2.1 CONSTRUÇÕES LITERÁRIAS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO MUNDO MÁGICO.....	23
2.2 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO INFANTIL: A LAGARTA MOLLY.....	26
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
ANEXO I.....	33
APÊNDICE I.....	37
ANEXO II.....	39
APÊNDICE II.....	40

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e proteção.

Aos meus pais, Wagner e Elizabete Lisbôa pelo carinho e amor com que me educaram.

A minha família, em especial ao meu esposo André Soares, pelo apoio e carinho que recebi.

A minha orientadora Professora Doutora Luciana Ferreira, pelo apoio e dedicação.

A artista Sonia Carmona Sabeter Silva por sua maravilhosa contribuição para a ilustração do livro A Lagarta Molly.

Ao Programa de Extensão Mundo Mágico da Leitura, em especial à coordenadora e Pedagoga Rosangela Valachinski Gandin, e às bolsistas que comigo trabalharam.

Dedico este trabalho aos pequenos leitores e educadores interessados pela temática da Literatura Infantil.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da vida cotidiana, o ser humano se depara com diversas situações, sendo elas necessárias, obrigatórias, divertidas, prazerosas, algumas motivam a leitura, estas incluem livros, revistas, matérias de artigos, jornais, e até mensagens nas redes sociais acessadas através de computadores, tablets e celulares. Assim, pode-se afirmar que a leitura possui um papel fundamental na vida do homem, pois auxilia na construção de conhecimentos e no desenvolvimento intelectual.

Entretanto, para que uma pessoa desenvolva o prazer pela leitura e pela escrita desde a infância, é importante que ela esteja em contato com livros, histórias e atividades que trabalhem seu imaginário (COELHO, 2000).

Este trabalho visa, portanto, demonstrar a importância da leitura desde a infância, bem como a importância da Literatura Infantil como aliada do aprendizado da criança, pois auxilia no seu desenvolvimento psíquico, intelectual e emocional. Também pretende demonstrar quais características necessárias para um livro infantil de qualidade. Para tanto, este trabalho foi dividido em 2 capítulos:

O capítulo 1 relata questões sobre a Literatura Infantil, abordando resumidamente seu histórico, oral e escrito; as características da literatura infantil brasileira e seus renomados escritores e também a importância da literatura, relatando a importância do livro infantil, como pode se dar o ingresso da criança no mundo literário, as fases de desenvolvimento da criança; como deve ser o livro para a criança em suas diversas fases de crescimento quais são os requisitos necessários para que um livro possa, atualmente, ser considerado de qualidade.

O capítulo 2 aborda as construções literárias da autora desta pesquisa. Construções que surgiram a partir da sua paixão pela literatura infantil. Portanto, serão relatados como se deram estas construções, desde adaptações de outros livros até a criação de uma obra literária própria.

CAPÍTULO 1

1.1 LITERATURA INFANTIL

Há muito tempo, a Literatura Infantil atrai a atenção de diversos estudiosos, o que leva à seguinte questão: o que é exatamente a literatura Infantil? Existe diferença entre a literatura feita para crianças e aquela feita para adultos?

Coelho (2000) afirma que a literatura infantil é, antes de tudo, uma arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através das palavras. Ela funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Gregorin Filho (2009, p. 38), observa ainda que até pelo menos o século XVIII que a infância não era vista como um período de formação do indivíduo; na verdade a criança era vista como “um adulto em miniatura” e a infância apenas uma fase a ser rapidamente ultrapassada pelo indivíduo para que se tornasse produtivo para a sociedade. O autor complementa afirmando que naquela época inexistia literatura infantil como existe na contemporaneidade pois, a literatura vinculada para adultos e crianças era exatamente a mesma. Isto porque esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas sim separados em função da classe social.

Contudo, a partir da metade do século XVIII, diversos escritores começaram a se interessar pelo emprego da literatura para a educação das crianças sendo que as mesmas passaram a ser consideradas como um ser diferente do adulto, com características e necessidades próprias. Surgem assim, histórias portadoras de temáticas carregadas de valores humanos e numa linguagem adequada ao público infantil que ensinava às crianças diversos valores, como respeito, obediência, responsabilidade, entre outros. Eram os mesmos valores dirigidos para o público adulto mas com uma nova roupagem e numa forma fácil de a criança entender.

1.2 A LITERATURA INFANTIL: ORAL E ESCRITA

Mas a literatura infantil existe há muito tempo, somente não possuía esse nome. Pode-se assim, dividir a literatura infantil em duas estruturas distintas: a **literatura oral** e a **literatura escrita**. Inicialmente, as histórias eram contadas apenas oralmente e faziam parte da cultura, narrando os costumes e os valores da sociedade. Os pais contavam histórias aos

filhos sobre a obediência e as consequências da desobediência, sobre mundos mágicos onde tudo era possível, diferente de sua realidade, entre outros, e estas eram passadas de geração a geração. Para que não se perdesse essa riqueza histórica, iniciou-se então o processo de escrita dessas histórias, para que se tornassem imortais, surgindo então a literatura infantil escrita.

O início da literatura infantil escrita pode ser marcado entre os séculos XVII e XVIII, com o grande escritor e poeta francês Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" e outros, (GREGORIN FILHO, 2009). Depois disso, surgem novos escritores preocupados com a mesma questão: escrever histórias na linguagem da criança, tais como: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, entre outros.

Contudo, vale ressaltar que a literatura oral é de suma importância, pois é ela quem aproxima a criança do mundo literário, é através do encantamento da história contada que a criança obterá o desejo de ler. Pondé (1998), afirma que é importante que a criança tenha contado com a literatura infantil desde bem pequena e que são os pais e/ou responsáveis quem devem ingressar a criança no mundo literário. Como declara a autora, “é indispensável que (a criança) ouça muitas histórias inventadas por adultos ou retiradas da tradição familiar e do folclore” (PONDÉ, 1985, p.18). Nesse sentido ABRAMOVICH (1993, p. 16) declara que:

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens).

Entretanto, atualmente, muito se tem perdido da literatura oral. A correria do dia-a-dia, as grandes jornadas de trabalhos e até mesmo com as novas tecnologias, vem enfraquecendo o uso da literatura oral. Pondé (1985, p.18) pondera neste sentido que:

A literatura oral desperta um prazer enorme no pré-leitor e está sendo negligenciada, atualmente, nas cidades grandes, por causa da vida agitada, da utilização exagerada da televisão e da negligência da família em relação à leitura.” É necessário haver hoje uma nova postura diante disso.

1.3 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

No Brasil, a literatura infantil pode ser dividida em duas fases: uma delas vai até a metade do século XIX, marcada pelos escritores Tales de Andrade, Viriato Correa, Olavo Bilac, Manoel Bonfim, Júlia Lopes de Almeida, entre outros. Neste momento a criança era vista como um indivíduo pronto para receber a educação como dádiva, como caráter divino

e amar sua pátria como berço e fonte inesgotável de benevolências, conforme declara Gregorin Filho:

[...] os paradigmas vigentes eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade e de pureza de corpo e alma em conformidade com os preceitos cristãos. (FILHO, 2009, p. 28)

Portanto, nesse momento histórico, “a literatura para as crianças se torna um mero instrumento pedagógico, elaborada para uma criança vista como um adulto em miniatura”, seguindo assim, o padrão europeu (GREGORIN FILHO, 2009, p.31).

A segunda fase se inicia com o grande escritor brasileiro Monteiro Lobato, que com sua proposta inovadora revolucionou a literatura infantil da forma como era vista e tida. Com ele a criança passa a ter voz, mesmo que através da boneca de pano Emília e, os questionamentos e contestações infantis ganham espaços em seus livros.

Lobato apresenta características nunca exploradas no universo literário para crianças: apelo a teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; onipresença da realidade brasileira; olhar empresarial; preocupação com os problemas sociais; soluções idealistas e liberais para os problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade em face de modo habitual de ver o mundo; relativismo de valores; questionamento de etnocentrismo e a religião como resultado da miséria e da ignorância (GREGORIN FILHO, 2009, p. 28-29).

Com o passar do tempo, o Brasil passa por inúmeras transformações, como o período da ditadura militar, as mudanças tecnológicas e sociais. Assim, a literatura infantil também passa por transformações e essas transformações foram tanto históricas como também dialógicas. A partir delas a atual literatura infantil ganha uma nova forma, os temas dos livros infantis passam a levar em consideração os diferentes contextos sociais e culturais existentes na sociedade brasileira, momento em que os sentimentos infantis também ganham importância nas páginas dos livros.

Com os escritores Pedro Bandeira, Rosana Murray, Ziraldo, Carlos Queiroz Telles, Lúcia Pimentel Góes, entre outros, (não esquecendo de que tal mudança começou com Monteiro Lobato) a criança passa a ser entendida como um indivíduo dotado de peculiaridades diferentes dos adultos, seus conflitos passam a serem lidos, vistos e sentidos a partir dos escritos desses grandes escritores, como forma de diálogo e na linguagem mais próxima do falar da criança, e não por imposição como outrora o era.

Tem-se então, modernamente, uma produção literária/artística para crianças, que não nasce apenas da necessidade de transformar-se em mero recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico, o catártico e o libertador, além do cognitivo e do

pragmático, já que visa a preparar o indivíduo para a vida num mundo repleto de diversidades (GREGORIN FILHO, 2009, p.30-31).

Então, é possível afirmar que literatura infantil passou por grandes transformações durante a sua história. Transformações necessárias para acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade e para que passasse a existir uma literatura infantil de qualidade, ou seja, lida e entendida por todas as crianças, sejam elas de quaisquer classes sociais, cultura ou etnia. Mas o que é preciso para que um livro infantil tenha qualidade?

1.4 O LIVRO INFANTIL

A Literatura Infantil inicialmente, era realizada oralmente, ou seja, as pessoas se reuniam, contavam e repetiam histórias, para guardarem suas tradições, as crenças, os mitos, os costumes e os valores para as gerações futuras. As histórias eram contadas e tal pessoa precisava “ser boa” naquilo, pois era ela quem instigava a criança a imaginar, a entrar num mundo fantástico, e ao terminar cada história, deixava aquele desejo de ouvir e saber mais. A essa pessoa deu-se o nome de **contador de histórias**.

Com o passar do tempo, foi-se percebendo que era necessário registrar tais histórias, para que não se perdessem entre as gerações. Com essa preocupação surgiram os livros infantis. Inicialmente, o livro era utilizado apenas para passar a história adiante, porém, com o passar do tempo, os escritores começaram a se preocupar e dar importância não só ao texto escrito, mas também às ilustrações, pois buscavam ter um livro de qualidade em todos os sentidos.

Contudo, percebe-se, que em alguns casos, muitos têm escrito livros infantis apenas por “curtição”, não se preocupando com o público alvo, a forma de escrita, ou qual é a melhor ilustração. Surgem assim, livros com construções textuais pobres, ilustrações de baixa qualidade, deixando a desejar no quesito de encantar o leitor.

1.5 O LEITOR DO LIVRO INFANTIL

O ser humano passa por diversas etapas de crescimento até atingir a idade adulta. E não tem como falar em etapas de desenvolvimento infantil, sem citar o trabalho do biólogo,

filósofo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Para este estudioso, o conhecimento não está no sujeito, nem somente no objeto, mas na interação entre ambos. (TERRA, 2003).

Diversos pesquisadores, tais como, Zattoni (2010) e Scheffel (2007), afirmam que os sentidos são essenciais para o aprendizado humano. Desta forma, tomando como base estes autores, é possível afirmar que as crianças aprendem experimentando; entrando em contato com os objetos e experimenta-os por meio de seus sentidos da seguinte forma:

Visão: os olhos. Tudo o que a criança vê fica gravado em seu subconsciente. É pela visão que se atrai a criança para o livro, por isso ele precisa ser atraente visualmente, com boa ilustração e letras bem inteligíveis;

Audição: os ouvidos. O ouvido compreende dois mecanismos sensoriais: a audição e o equilíbrio. Os livros com recurso sonoro também encantam as crianças;

Olfato: o nariz. Nele estão os terminais do nervo olfativo que permite a criança sentir os odores à nossa volta. Tudo a criança leva ao nariz para sentir que cheiro tem;

Paladar: a língua. Onde encontramos as papilas gustativas por onde sente-se o gosto e o sabor das coisas. São em poucos casos que as crianças podem “provar” da história, mas é um bom recurso, como em histórias de frutas;

Tato: está em todo o corpo. É o sentido através do qual se percebem as sensações mecânicas, dolorosas, térmicas e de contato, como texturas. Nesse sentido, a criança pode sentir como são as páginas do livro, seus relevos, sua textura, entre outros;

*Cenestesia*¹: sentido muscular. Por meio deste a criança percebe a densidade dos objetos, se é pesado ou leve. A criança ao pegar o livro, sente seu peso, se é fácil de carregar, ou se encontrará dificuldade de segurá-lo.

É por meio dos estímulos desses sentidos que a criança consegue reter o conhecimento por meio de pensamentos, atitudes e emoções (ZATTONI, 2010; SCHEFFEL, 2007).

Através da psicologia genética, Jean Piaget (*apud* TERRA, 2003), explica que a criança desenvolve-se a partir do momento que começa a interagir por meio de ações cognitivas concretas, num processo de construção de estruturas lógicas sobre os objetos ao

¹ **Cenestesia:** sentimento vago de propriocepção, isto é, uma percepção da consciência de que ela existe e é diferente de algo que a envolve, porém não lhe pertence. Todos os seres vivos da ameba, ao vegetais, animais e embriões humanos vivem esse sentimento, indefinido, irracional e primal. Quando uma criança recém nascida começa a viver a experiência das sensações de fome e incômodo, sucedida por uma vivência de mamada e satisfação, ela está vivendo uma experiência Cenestésica. Essa experiência cenestésica vai deixar profundas marcas de memória em sua estrutura psicológica (DICIONÁRIO INFORMAL, 2015).

seu redor. Assim, Piaget (*apud* TERRA, 2003, p.06-09) classifica em 4 as etapas de desenvolvimento pelas quais as crianças passam:

Sensório-motor (zero a dois anos): Nesta fase o universo que circunda a criança é conquistado mediante a percepção e os movimentos (sucção, movimento dos olhos). Assim, a criança explora o mundo através dos sentidos, isto é, ela precisa tocar, provar os objetos;

Período Pré-operatório (dois a sete anos): Aparece a função simbólica, ou seja, os objetos começam a serem representadas por símbolos: um cabo de vassoura vira um cavalo, uma caneta é um avião, etc. Ocorre também o egocentrismo (a criança se vê como o centro de tudo que acontece ao seu redor) e a irreversibilidade (a criança acredita que todos pensam como ela);

Período Operatório Concreto (sete a onze anos): A criança já consegue usar a lógica na maior parte dos problemas concretos chegando assim nas soluções dos mesmos, o que não acontece quando se trata de lidar com problemas não concretos;

Período Operatório Formal (onze a quinze anos): O pensamento lógico já consegue ser aplicado a todos os problemas que surgem. Piaget também destaca que o desenvolvimento das operações mentais depende de um meio rico de estímulos.

Portanto, para que a criança desenvolva suas potencialidades, é preciso que ela esteja em um ambiente adequado e propício, e que o mesmo favoreça não só o seu crescimento físico, como o emocional e o social. Lembrando que as fases descritas por Jean Piaget, não são inteiramente pontuais, ou seja, nem sempre ocorrerá a fase na idade especificada, podendo se estender ou a criança nem passar por ela. (TERRA, 2003)

Baseando-se e refletindo sobre os estudos de Piaget, Coelho (2000, p. 32-40), em seu livro “A Literatura Infantil: história, teoria análise”, discorre sobre as fases que a criança passa como leitora e que são: o **pré-leitor**; o **leitor iniciante**; **leitor em processo**; **leitor fluente**; e o **leitor crítico**.

Gregorin Filho (2009), ao falar sobre o perfil do leitor da literatura infantil, traz cada uma das fases especificadas por Coelho (2000), classificando-as da seguinte forma. Assim:

Pré-leitor: (quinze meses aos cinco anos) é a criança que ainda não consegue decodificar a linguagem verbal escrita (ainda não lê), ela inicia o reconhecimento da realidade ao seu redor a partir do contato afetivo e através do tato, a imagem é de grande importância nessa fase. Portanto, para a construção deste leitor é preciso que os livros possuam imagens, elas são imprescindíveis, não é necessário o texto verbal, assim, por meio do reconhecimento de sequências de cenas, a criança toma contato com alguns elementos estruturais da narrativa, como as personagens, o tempo e o espaço;

Leitor iniciante: (a partir dos cinco ou seis anos) nesta fase a criança começa a entrar em contato com a expressão escrita da linguagem verbal, também é nesta fase que a criança começa a fazer relação entre a realidade, o mundo em que vive, e a fantasia, o mundo imaginário, descritos nas páginas dos livros, contudo, ainda há o predomínio deste mundo fantástico. Ocorre, portanto, a socialização e a racionalização da realidade;

Leitor em processo: (a partir dos oito anos) a criança já domina o mecanismo da leitura, através da organização do pensamento lógico a criança aguça o conhecimento do mundo à sua volta. É de suma importância que o adulto motive a criança, para que ela continue lendo;

Leitor fluente: (a partir dos dez anos) é a fase em que a criança consegue dominar todos os mecanismos que o ato de ler envolve; a criança também é capaz de compreender todo o universo contido no livro, ela desenvolve, portanto, o pensamento hipotético-dedutivo², assim, as atividades de reflexão são importantes para o amadurecimento de leitor;

Leitor crítico: (a partir dos dozes anos) nessa fase, a criança tem total domínio do processo de leitura, ela consegue estabelecer relações entre micro e macro universos textuais, também é a fase do desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico. É importante salientar que o leitor crítico nunca será completamente pronto já que a criticidade é um fator que se constrói durante toda vida.

Para melhor esclarecimento desta classificação é possível citar também as fases de crescimento da criança que são destacadas por Pondé (1985, p.25), que também organiza estas fases indicando os melhores livros para cada uma delas:

1ª Fase - conhecimento do mundo circundante: esta fase se apoia no diálogo entre a criança e seus pais, pois a criança está em idade pré-escolar e, portanto, vive em um universo social restrito, a família. Os livros para esta fase devem possibilitar experiências básicas e significativas, e assim, temas da vida cotidiana: objetos, bichos, brinquedos e figuras familiares;

2ª Fase - a projeção da criança no mundo: nesta fase a leitura é projetada ou psicológica. A criança está em busca do maravilhoso, de soluções mágicas, ou seja, ela projeta suas angústias e busca o conto de fadas um mundo fantástico que não parece com o seu cotidiano e que acalma seus medos conflitos internos;

3ª Fase - a identificação com pessoas e/ou coisas: nesta fase surge o interesse por histórias de aventuras, pois a criança passa a explorar a leitura já que não há mais dificuldades na mesma. Assim, de forma consciente, a passa a se identificar com o herói, vivendo pessoalmente situações e experiências diferentes da sua a partir da vida dos personagens;

4ª fase - a formação de uma atitude crítica e de um pensamento reflexivo: sendo esta a última fase, a literatura deve possibilitar uma visão mais crítica do mundo, pois a criança já está em um amadurecimento intelectual. Os livros devem abordar temas como: mistérios, ficção científica, pequenos romances de aventura e amor que levam a criança a refletir com certa criticidade.

Contudo, é imprescindível que se leve em consideração os vários fatores que auxiliam ou prejudicam na construção da criança como leitor. A sociedade mudou, passou por transformações e com ela, o leitor também. Ao observar a criança como leitora, deve-se considerar a cultura em que esta está inserida, bem como a motivação que esta recebe para que se torne leitora.

Assim, estas fases são indicadores a serem utilizados no auxílio do leitor ante ao livro, mas sem rigidez quanto à faixa etária da criança, levando em consideração as características individuais do leitor, conforme explica Pondé (1985, p.31):

[...] mesmo a criança bem nutrida e com sucesso nos estudos, se não tem o hábito de ler, certamente preferirá os livros mais ilustrados e que não oferecem dificuldade

² **Pensamento Hipotético-Dedutivo:** é o raciocínio que implica deduzir conclusões hipotéticas em vez de deduzir de fatos que o sujeito tenha realmente verificado. (MAÇADA,1996). Segundo Piaget raciocínio hipotético dedutivo é aquele baseado em uma hipótese que leva a certas deduções lógicas.

para leitura ou exigem menor tempo de concentração. Pode, também, ocorrer o contrário: a criança que gosta de ler escolherá com certeza livros além da sua faixa etária, porque já está acostumada à leitura.

Também deve-se atentar para as novas tecnologias que trouxeram um novo olhar sobre o livro, criando os banners e cartazes espalhados por toda a cidade, principalmente nos grandes centros urbanos, com cores vibrantes e imagens, por vezes, hiper-realistas, atraindo a atenção e o olhar de quem passa; bem como a construção dos livros digitais, que podem ser acessados em todos os lugares e em todas as mídias como computadores, notebooks, tablets e celulares, entre outros.

Como GREGORIN FILHO (2009, p. 48), deixa bem claro:

Neste início de século, o leitor não se contenta em apenas ler os textos; mesmo quando os dois estão em movimento, ele procura a sensação de participar de sua confecção, de interações com os diferentes textos. As novas tecnologias construíram o texto hipermidiático, o leitor se confunde com o autor e navega num mar de textos virtuais.

Diante dessas novas perspectivas, é necessário um novo olhar para a construção do livro infantil bem como o texto nele inserido. Portanto, a seguir serão abordados os fatores necessários para a construção de um livro infantil de qualidade.

1.6 O LIVRO INFANTIL DE QUALIDADE

“O livro deve ser tão atraente para a criança como uma revista em quadrinhos, um desenho animado ou uma gostosa brincadeira.” Glória Pondé (1985, p.17)

Como descrito acima, Pondé (1985, p.17) deixa clara a importância do livro para a criança, pois ele auxiliará no desenvolvimento psíquico e intelectual da mesma. É importante ressaltar que o livro oferecido à criança deve ser adequado à sua maturidade como leitor, para que este adquira e desenvolva o desejo e o gosto pela leitura, do contrário, esta pode se afastar do mundo literário ou rejeitá-lo completamente. Por isso, o primeiro livro tem um importante e decisivo papel para a criança como leitora, pois “os primeiros livros devem atrair sobretudo pelo prazer”, PONDÉ (1985, p.24).

Mas como deve ser o Livro Infantil? Como é um Livro Infantil de qualidade? Que critérios seriam válidos para a garantia da qualidade do livro?

Coelho (2000, p.59) declara que “não há nenhum critério ou fórmula preestabelecidos que possam determinar o que é a crítica ideal”, e com o surgimento das

novas tecnologias e a mudança que vem ocorrendo na sociedade, possibilitaram o aparecimento de novos critérios e, a partir destes, são experimentados novos métodos na construção do livro e da escrita literária. Contudo, esta autora (COELHO, 2000, p. 60-61), afirma que é possível realizar uma análise sobre o livro partindo das seguintes perguntas: O que? Como? Por quê?

O que a obra transmite? Ou seja, o que o autor quer comunicar ao leitor? Qual é o enredo, o assunto, a trama existente no livro? **Como** isso é expressado na escrita literária? Visa a ética ou a estética? Que recursos de linguagem, de estilo ou de estrutura o autor escolheu? **Por que** o autor escreveu esta obra? Qual foi a sua intenção, a finalidade em relação ao leitor; divertir, educar, conscientizar, emocionar?

Com esse processo, é possível descobrir em que medida a obra difere ou não de outras obras, como se inova ou dá continuidade, se sua escrita literária pode ser classificada como original, enriquecedora, convencional ou diluidora, (COELHO, 2000).

PONDÉ (1985, p. 18), declara também que “o livro infantil é um produto cultural que deve ser observado pelas relações entre texto, ilustrações e demais aspectos gráficos”. Ou seja, não é apenas o escritor que cria o livro e que é em seus escritos narrativos que está a qualidade do livro. Não, como afirma a autora, “os louros da criação são divididos entre o escritor, o ilustrador, o artista gráfico e o editor” (PONDÉ, 1985, p.22), portanto, é o conjunto destes elementos que tornam o livro completo e de qualidade, que atraem a atenção do leitor, transformando-o ou não em um leitor fluente.

Em se tratando de livro infantil, ou seja, para crianças (lembrando que não é especificamente destinado apenas às crianças), é imprescindível que haja não só a escrita literária, mas também é importante atentar para a ilustração que o livro possui, pois, “o livro para crianças apresenta uma interação entre a linguagem verbal e pictórica” (PONDÉ, 1985, p.19). A linguagem verbal apresenta, inicialmente, dificuldades para criança pois é preciso decifrar seus códigos, assim, a imagem auxilia a criança na linguagem verbal e até acrescenta informações que não aparece na escrita.

1.7 O LIVRO INFANTIL E A ILUSTRAÇÃO

O livro infantil não é construído apenas por palavras – pela linguagem verbal, mas também por outras linguagens tais como a ilustração, a sonorização e tátil. Com declara Pondé (1985, p.19):

Podemos nos comunicar de várias maneiras, utilizando uma série de linguagens; muitas prescindem da palavra – como os gestos, a expressão corporal, a música

o desenho – porém, a comunicação verbal, em nossa sociedade, assume um papel preponderante; e raramente aparece sozinha, em geral se associa a essas outras formas de expressão.

Pensando na importância da linguagem pictórica no livro infantil, Gregorin Filho (*apud* CAMARGO, 1995), destaca e classifica as funções da ilustração da seguinte maneira:

Pontual: é quando a ilustração tem como objetivo destacar aspectos do texto ou seu início e fim. Exemplo: as primeiras letras do texto – nos capítulos e início de parágrafos – destacadas artisticamente, como em livros de contos de fada;

Descritiva: é quando a ilustração cumpre o papel do texto escrito, descrevendo, através da imagem os objetos, os personagens, os cenários, etc. Exemplo: a narrativa descreve uma cena de ação e há a ilustração desta cena;

Narrativa: é quando, a ilustração tem a função de narrar, prevalecendo esta linguagem no texto, ou seja, todas as ações são contadas por meio da sequência das ilustrações, livros sem palavras;

Simbólica: é aquela ilustração que representa uma ideia, chamando a atenção para a metáfora. Exemplo: um camarão cheio de protetor solar, simbolizando que o personagem queimou ao sol e ficou vermelho igual ao camarão;

Dialógica: nessa, a ilustração demonstra emoções por meio de expressões, posturas e gestos, nos personagens. Esta função é “bastante utilizada na literatura infantil contemporânea de qualidade”;

Estética: a ilustração é tão bem construída que a atenção do leitor é atraída para os detalhes que a ilustração apresenta. É também muito utilizada na atualidade pois há infinitas possibilidades com as novas tecnologias;

Lúdica: é quando a própria ilustração pode se transformar num jogo para o leitor. Exemplo: ilustrações que se transformam em tabuleiros, em jogos de procurar objetos e/ou coisas perdidas como uma borboleta entre flores, entre outros;

Tradutora: é quando a ilustração tem a finalidade de auxiliar no entendimento do texto verbal, muito se aproxima da função descritiva;

Imersiva: é quando a ilustração promove a interação do leitor com a obra, onde orientando caminhos deixando algumas escolhas para o leitor no seu caminhar pela obra.

É importante ressaltar que estas funções não possuem existências independentes na ilustração, ela (a ilustração) pode assumir características de várias funções além de variar em intensidade. Da mesma forma, um livro não é apenas constituído pela ilustração, havendo também outros fatores importantes para que este esteja dentro dos requisitos para um livro de qualidade.

1.8 O LIVRO INFANTIL E A LINGUAGEM VERBAL

Dentro de um livro há a matéria literária, ou seja, é a invenção transformada em palavras, é a arte do autor em inventar que dá origem ao texto, podendo ser este narrativo, poético ou dramático. De acordo com Dolz *et al.* (2004), ante ao gênero textual, o texto pode ser argumentativo, descritivo, expositivo, narrativo ou de relato. E, na construção de qualquer texto deve-se atentar para a **coesão**, ou seja, a ligação, a relação, estabelecidos entre os

elementos que constituem o texto, e para a **coerência**, que está ligada à construção do sentido no texto.

Nos livros infantis predominam a matéria narrativa (o texto narrativo). Segundo Coelho (2000, p. 66-91), na composição da matéria narrativa, entram dez fatores estruturantes:

1. **O Narrador:** (a voz que fala) indica que se trata de um personagem que tem como função atuar, conduzir ou imprimir e narrar. O narrador é responsável pela enunciação ou pela dinâmica que produz o discurso narrativo;
2. **O Foco Narrativo:** (que ângulo ou perspectiva de visão que o narrador escolheu para relatar os fatos) é o ponto de vista que o narrador coloca ao relatar a história. O foco narrativo é um dos fatores mais importantes pois ele revela a posição em que se encontra o narrador em relação ao que ele está narrando;
3. **A História:** (enredo, assunto) é o que acontece na narrativa. A história surge a partir de uma situação que envolve os personagens, criando situações problemáticas e que vão se resolvendo no decorrer da história;
4. **A Efabulação:** (sequência dos fatos) é o recurso básico na estruturação de qualquer narrativa, pois é ele que dá sequência e ligação aos fatos dentro da história. Em se tratando de literatura infantil, a estrutura mais indicada é a linear, ou seja, que reúne e segue os fatos em começo, meio e fim;
5. **O Gênero Narrativo:** (conto, novela, romance) é a forma como o autor escolheu narrar sua história. O **conto** registra um momento significativo na vida dos personagens. Ele é mais condensado, girando em torno de apenas uma situação e, geralmente, é de curta duração, ou seja, em poucas páginas. A **novela** é uma longa narrativa estruturada por várias pequenas narrativas. Na novela, o personagem vive várias aventuras nas mais diversas situações, não estando centrado em apenas uma problemática, mas uma seguida de outra. Já no **romance** a problemática está centralizada e tudo o que acontece gira em torno dela. O romance é mais extenso que o conto, pois nele estão escritas todas as situações que acontecem diante da problemática, já no conto é escolhido apenas uma situação;
6. **O Personagem:** (aqueles que vivem a ação) é o elemento decisivo da efabulação, pois é nele que está o interesse do leitor. Sem o personagem não há ação na narrativa já que são eles que a executam ou a vivem;
7. **O Espaço:** (cenário, local, ambiente) é o ponto de apoio para a ação dos personagens. Existem basicamente três tipos de espaços: **natural**, que é o ambiente não modificado pelo homem (paisagem, floresta, rio, caverna); **social**, é o ambiente modificado (casa, castelo, tenda, veículos de locomoção); e o **trans-real**, que é o ambiente criado pela imaginação do homem;
8. **O Tempo:** (período de duração da situação narrada) o tempo é mais difícil de ser observado com precisão. Ele pode ocorrer em um dia ou em mil dias. Pode ser notado por manhãs e noites ou pela mudança das estações. Tudo depende de como o autor escolheu relatar;
9. **A Linguagem Narrativa:** (a intencionalidade da obra) a linguagem narrativa pode ser realista ou simbólica. A **realista** aparece quando o autor deseja reproduzir uma experiência vivida ou que seja possível de ser vivida no mundo real. A **simbólica** age metaforicamente, ou seja, expressam de maneira concreta ideias abstratas, é o caso das fábulas onde os animais representam ideias, intenções e vivem situações exemplares;
10. **Leitor ou Ouvinte:** (provável destinatário) é a quem o autor deseja falar, como deseja falar e que informação deseja passar. É como o autor prende a atenção do ouvinte ou leitor, convidando-o para participar da história, direta ou indiretamente.

Em síntese:

A matéria narrativa ou corpus narrativo resulta, pois, de uma voz que narra uma história a partir de um certo ângulo de visão (ou foco narrativo) e vai encadeando as sequências (efabulação), cuja ação é vivida por personagens; está situada em determinado espaço; dura determinado tempo e se comunica através de determinada linguagem ou discurso, pretendendo ser lida ou ouvida por determinado leitor/ouvinte (COELHO, 2000, p.92).

Portanto, após toda essa análise é possível observar como se dá a construção da literatura infantil e, consecutivamente do livro infantil, com qualidade. É imprescindível retornar a lembrar que o livro não é construído apenas pela escrita literária, ou pela ilustração, ou até mesmo de sua publicação e publicidade, mas sim do conjunto destes.

Cabe colocar aqui as afirmações de Pondé (1985):

O que se denomina de literatura infantil é um projeto de um grupo de escritores, apoiados por editores, críticos e educadores, para ampliar o público leitor, levando-o à reflexão de si mesmo e sobre o mundo, na tentativa de resgatar a identidade cultural, mostrando a nossa realidade em sua variedade (PONDÉ, 1985, p.22).

E que:

O livro infantil, enquanto objeto cultura, deve oferecer um atrativo visual resultante do equilíbrio entre os aspectos gráficos e o texto. Essa harmonia é que o distingue das demais obras para adultos; o livro infantil bem bolado permite inúmeras leituras que atraem até o adulto, que terá um nível de percepção diferente desse mesmo texto (PONDÉ, 1985, p.19).

Além de atentar para esses requisitos, precisa-se observar também a questão maturação do indivíduo como leitor. Como foi enfatizado até agora, a literatura infantil pode ser lida por todas as faixas etárias, contudo, há indivíduos que não tiveram acessos a uma leitura contínua e não se tornaram leitores quando crianças, não tendo, portanto, o hábito de ler. Para que este indivíduo seja instigado a ler é preciso que se comece nos estágios iniciais da leitura, ou seja, “aquele que não têm costume de ler e quer ou deve adquiri-lo, precisa ser iniciado com livros que tenham características semelhantes às do pré-leitor” (PONDÉ, p.23). São estes os requisitos eficazes necessários para a construção de uma obra literária destinada ao público infantil de/com qualidade.

Partindo do pressuposto de que a criança é inserida no mundo literário desde a tenra idade, é necessário ainda saber que tipo de livro está qualificado para esta criança ler. Isso vai depender de seu grau de maturação leitora. Contudo, é possível apontar determinados livros que são acessíveis para cada fase ou estágio de desenvolvimento da criança como leitor. É claro que isso não ocorre de forma pontual, para cada criança este desenvolvimento será diferenciado, contudo pode-se dar uma direção, um auxílio na hora da escolha de livros. Como explica Pondé (1985, p.18), em última análise, é o leitor quem deve escolher que livro vai ler, não importa a faixa a que se destina a obra que está em suas mãos. No entanto, a

prática tem nos mostrado alguns indicadores que podem orientar o adulto na produção e sugestão de leitura para os pequenos.

Portanto, a tabela abaixo apresenta as fases de desenvolvimento da criança e do leitor descritos nos tópicos acima mostrando leituras e livros sugeridos pelas autoras Coelho (2000) e Pondé (1985). Vale ressaltar que este é apenas um modelo simplificado das teorias que permeiam este trabalho, tendo a finalidade de observar as características de cada uma, bem como apontar livros sugeridos por estas autoras. Para esta análise portanto, serão utilizados os estágios de desenvolvimento infantil apontadas por Piaget (*apud* TERRA, 2003), os estágios de desenvolvimento da criança como leitor classificadas por Coelho (2000), e as fases de crescimento e o livro infantil especificadas por Pondé (1985):

JEAN PIAGET	NELLY NOVAES COELHO		GLÓRIA PONDÉ	
Os Estágios de Desenvolvimento Humano	Os Estágios de Desenvolvimento do Leitor	Livros Indicados	As Fases do Desenvolvimento Infantil e de Leitura	Livros Indicados
Sensório-motor (0 a 2 anos): a criança explora o mundo através dos sentidos, isto é, ela precisa tocar, provar os objetos.	Pré-leitor: (15 meses aos 5 anos) a criança ainda não lê, ela inicia o reconhecimento da realidade ao seu redor a partir do contato afetivo e através do tato. Assim, a imagem é de grande importância.	Coleção “Peixe Vivo”, Eva Fumari (Ática); “Livros de Pano”, Paula Valéria (APEL); Série “Livros de Imagem” (Moderna); Coleção “Canta e Dança” (Brinque-Book).	Conhecimento do mundo circundante: idade pré-escolar, esta fase se apoia no diálogo entre a criança seus pais e familiares. Os livros para esta fase devem possibilitar experiências básicas e significativas que fazem parte de seu cotidiano. Livros de pano e apenas ilustrados.	“O rabo do gato”, Mary/Eliardo França; “Retalhinha branco” Maria Helena Portilho; “O sapo cururinho na beira do rio” Magdalena Gastelois.
Pré-operatório (2 a 7 anos): aparece a função simbólica, o egocentrismo e a irreversibilidade.	Leitor iniciante: (6/7 anos) começa o contato da criança com a escrita da linguagem verbal; início do processo de socialização e racionalização da realidade; fase em que a criança começa a fazer relação entre a realidade, e a fantasia, o mundo imaginário.	Coleção “Gato e Rato”, Mary/Eliardo França (Ática); Série “Um Dois Feijão com Arroz”, Tenê (Ática); Coleção “Primeiras Histórias”, (FTD)	A projeção da criança no mundo: leitura projetada ou psicológica. A criança se identifica com os personagens. Na leitura a criança vive suas angústias e medos e, uma vez expressos, são melhor dominados. Livros folclóricos e contos de fadas.	“Chapeuzinho Amarelo” Chico Buarque; “O menino maluquinho” Ziraldo; “O reizinho mandão” Ruth Rocha.

<p>Operatório Concreto (7 a 11 anos): o pensamento lógico organiza-se em formas concretas, que permitem as operações mentais.</p>	<p>Leitor em processo: (8/9 anos) a criança já domina o mecanismo da leitura. É de suma importância que o adulto motive a criança, para que continue lendo.</p>	<p>“Clássicos Infantis”, (Moderna); Série “Ana Maria Machado”, (Moderna); Coleção “Estórias para Brincar” (Vale Livros)</p>	<p>A identificação com pessoas e/ou coisas: surge o interesse por histórias fantásticas e de aventuras. Assim, de forma consciente, a passa a se identificar com o herói, vivendo pessoalmente situações e experiências diferentes da sua a partir da vida dos personagens;</p>	<p>“Caçadas de Pedrinho”, Monteiro Lobato; A bolsa amarela” Lygia Bojunga Nunes; “Fauno e Flora”, Diane Mazur; “O cavaleiro azul”, Maria Clara Machado</p>
	<p>Leitor fluente: (10 anos) a criança consegue dominar todos os mecanismos da leitura; e compreende todo o universo contido no livro. Ela desenvolve, portanto, o pensamento hipotético-dedutivo, assim, as atividades de reflexão são importantes para o seu amadurecimento;</p>	<p>Séries “Vivência”, “Suspense” e “Ficção Científica” (Melhoramentos); Série “Vagalume” (Ática); Coleção “Segundas Histórias” (FTD); “O sofá estampado”, Lygia Bojunga (José Olympio)</p>		
<p>Operatório Formal (12 a 15 anos): O pensamento lógico já consegue ser aplicado a todos os problemas que surgem.</p>	<p>Leitor crítico: (12/13 anos) domínio total da leitura e da linguagem escrita, também é a fase do desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico.</p>	<p>Coleção “Jovens do Mundo Todo” (Brasiliense); Série “Literatura Juvenil” (Moderna), Série “Vagalume” (Ática);</p>	<p>A formação de uma atitude crítica e de um pensamento reflexivo: a literatura deve possibilitar uma visão mais crítica do mundo, pois a criança já está em um amadurecimento intelectual.</p>	<p>“O rapto do garoto de ouro”, Marcos Rey; “Detetives por acaso”, Carlos de Marigny; “O gênio do crime”, João Carlos Marinho.</p>

QUADRO 1: fases do desenvolvimento infantil por Piaget, Pondé e Coelho

FONTE: a autora, 2015

CAPÍTULO 2

Este capítulo narra uma experiência pessoal, utilizando como base teórica todos os aspectos já detalhados no Capítulo 1, no qual foi relatado sobre a literatura infantil e sua importância na vida da criança. Observou-se também os requisitos essenciais para a elaboração de um livro infantil, como deve ser construído o texto e a ilustração que atraem a atenção da criança para a leitura.

Partindo destes pressupostos, será abordado a seguir, construções pessoais de textos narrativos que foram criados dentro da universidade. Construções estas que, a princípio, são adaptações de livros (textos narrativos de outros autores) e, no decorrer da vida acadêmica, se transformaram em construções narrativas pessoais.

Estas construções deram-se início por causa de uma percepção pessoal, onde se foi percebido que algumas construções literárias se tornaram pobres tanto no texto apresentado quanto na ilustração que possuem. Ou seja, são ilustrações de baixa qualidade, e textos que não possuem uma boa construção literária, textos curtos demais ou que não apresentam os requisitos necessários (requisitos estes descritos no capítulo acima).

No decorrer dos tópicos abaixo, serão observadas algumas obras literárias que apresentam essas deficiências. Também narraremos sobre a construção do livro “A Lagarta Molly”.

3.1 CONSTRUÇÕES LITERÁRIAS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO MUNDO MÁGICO DA LEITURA

No início da minha vida acadêmica, no final do ano de 2011 e no ano de 2012, tive a oportunidade – através da bolsa PROBEM – de atuar como bolsista no Programa “Mundo Mágico da Leitura”.

Dentro do projeto o trabalho ocorreu em equipes, com construções e confecções de materiais para a contação de histórias nas escolas parceiras do Programa “Mundo Mágico”. Foram, portanto, confeccionados cenários; personagens a partir de materiais reciclados e/ou de baixo custo; livros com visuais grandes; figurinos; entre outros. Cada história era escolhida pelo grupo a partir do desejo de cada escola (onde, no início do ano era realizada uma pesquisa para saber qual era o desejo e o tema que cada escola gostaria que fosse trabalhado, além também, de uma pesquisa realizada com as crianças visando conhecer quais eram seus desejos e interesses), e era trabalhada a forma como esta história seria

contada, com fantoches (de palito, de mão, dedoches, etc.), através da narração (o narrador e o livro – ampliado ou não), em forma de musical ou através da encenação (onde os atores foram os próprios bolsistas).

Quando era escolhido encenar a história, era preciso, em alguns casos, adaptar a mesma (sendo ela uma narrativa) para o texto teatral. Surgia aí uma dificuldade. Como realizar as modificações necessárias sem perder a essência da história?

Bem, desde pequena sou apaixonada por literatura infantil, e é claro pela literatura em si. Meu desejo era estar constantemente lendo, vivendo as aventuras que os personagens viviam. O hábito de leitura fez parte de minha vida a todo instante e era sempre incentivada por meus pais e professores. Isso acabou enriquecendo meu vocabulário, aguçou minha imaginação e minha criatividade.

Pela paixão pela literatura infantil e pelo desejo de construir minha própria obra literária, prontifiquei-me a realizar estas modificações. Confesso que não sabia como fazê-las e portanto, apenas segui a estrutura de livros que já tinha lido. Uma das histórias adaptadas que se tornou marcante foi “A violeta orgulhosa” tirada do livro “Histórias Diversas”, do reconhecido autor brasileiro Monteiro Lobato (ANEXO I).

O desejo do grupo era transformar a história numa encenação. Contudo, a história era muito longa para ser encenada, com uma linguagem diferenciada e sem seguir o padrão necessário para o texto teatral (como a identificação de personagem, de cenário, entre outros). Através de leituras e releituras da história, foi possível realizar uma adaptação (APÊNDICE I), pode-se dizer simplificada, auxiliando para que a história fosse encenada. Todo o cenário e figurino foram construídos pelo grupo, sendo também encenado por ele. A história ao ser contada nas escolas, obteve grande repercussão. As crianças se apaixonaram pelo cenário e pelo visual das personagens (que se vestiam como flores), pelo falar “sabido” da Emília, a fala “descabida” da orgulhosa violeta branca, pela inteligência de visconde, entre outros.



FIGURA 1: bolsistas Bruna, Gabriela, Elizangela de Andrade, Nayara Soares, Sonia Carmona
 FONTE: acervo fotografico do Programa de extensao Mundo Mágico da Leitura, 2012

Nesse caso, a adaptação só foi realizada pelo fato da história não se enquadrar no texto teatral e por ser extensa demais. Após esta primeira adaptação, a coordenadora do Programa Mundo Mágico realizou uma revisão, que se enquadrava dentro dos requisitos necessários do texto teatral.

Para encenação do “Fantástico mundo das fadas”, foi escolhida a coleção “Magia das Fadas” (ANEXO II). Contudo, a estrutura textual destes livros são, por assim dizer, fraca, não possuindo uma efabulação linear, ou seja, uma história com começo, meio e fim. Na verdade, por ser tão curto, o texto e sua história ficava sem sentido.

Portanto, para a construção do texto “Nina e as Fadas” (APÊNDICE II), uma adaptação que também se tornou marcante, foi preciso unir os quatro livros da coleção Magia das Fadas, para que se conseguisse uma história linear e concisa. A construção deste texto porém, deu-se de forma diferente, pois, além de utilizar as histórias dos livros, pensando cada personagem com as características de cada uma das integrantes de nosso grupo, ou seja, cada personagem foi pensada para ser encenada por aquela pessoa. Assim, quando a história foi encenada, as personagens ganharam vida de acordo com aquela que as estavam encenando.



FIGURA 2: bolsistas Bruna, Gabriela, Elizangela de Andrade, Nayara Soares, Sonia Carmona
 FONTE: acervo fotografico do Programa de extensao Mundo Mágico da Leitura, 2012

O texto “Nina e as Fadas” foi encenado, como peça teatral. Todo o cenário foi confeccionado no “Mundo Mágico”, bem como os figurinos, como a asa das fadas. Esta história, para alegria do grupo, trouxe encantamento para as crianças, que queriam participar da história, falar com as “fadas”, e até mesmo tocar ou experimentar suas asas. Vale ressaltar que, como na história “A Violeta Orgulhosa”, foi necessário que a coordenadora realizasse uma revisão, seguindo os requisitos necessários para a construção do texto teatral. Portanto,

estas foram as ações, dentre outras, que ocorreram durante a nossa presença como bolsista no Programa de Extensão Munda Mágico da Leitura. Ações estas que nos auxiliou na construção de uma obra literária própria.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO INFANTIL: A LAGARTA MOLLY

Após realizarmos estas ações, se apresentou para mim as seguintes indagações: Como deve ser o livro infantil que apresente qualidade tanto em seu texto quanto em sua ilustração? Por que há na atualidade livros (como a coleção “Magia das Fadas”) que apresentam textos incoerentes e de fraca estrutura? A partir destas perguntas nasceu o desejo de produzir uma obra literária própria que, como foi relatado no capítulo anterior, seguisse os padrões necessários para se tornar um livro de qualidade. Assim nasceu o livro infantil “A Lagarta Molly”.

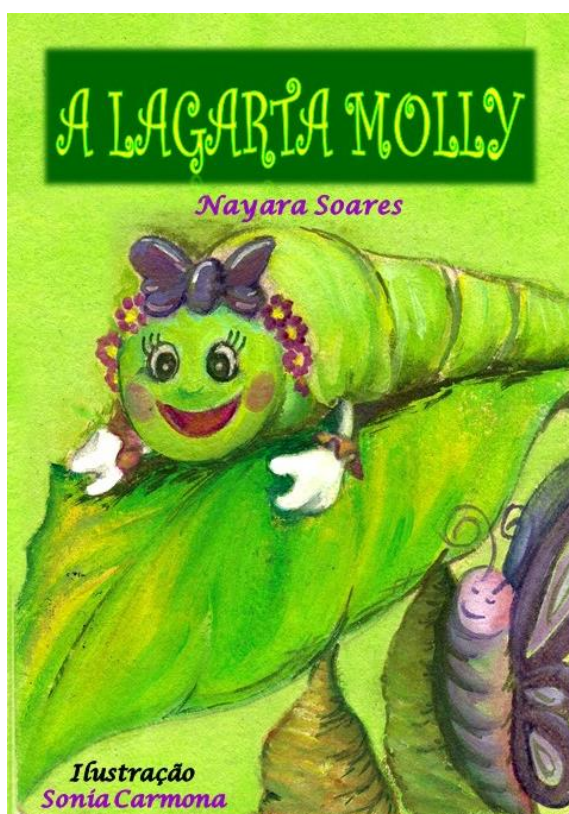


FIGURA 3: capa do livro A Lagarta Molly
FONTE: Nayara Soares e Sonia Carmona, 2014

Antes de iniciar a construção do texto narrativo, foi realizada uma pesquisa sobre quais personagens seriam utilizados. A primeira personagem escolhida foi a borboleta (por

uma paixão pessoal). Após esta escolha, deu-se início a um estudo aprofundado sobre as borboletas para que fosse escolhido qual espécie eu utilizaria, onde é o seu habitat, o que come, como se dá seu processo de transformação de larva, lagarta a borboleta. Terminada esta primeira parte foi escolhida: a borboleta pavão que vive em meios às margaridas.

Por se tratar de uma borboleta e, sendo que esta, a princípio, é uma lagarta, achei interessante chama-la de Molly, brincando assim com a palavra mole já que a lagarta é toda molenga. Para que a história ganhasse vida, deu-se início à pesquisa de quais insetos poderiam ter o mesmo ciclo de vida que as borboletas – descobri então que as joaninhas possuem um ciclo parecido.

Em um lindo jardim, no meio das margaridas, havia uma pequena vila de joaninhas.

Certo dia apareceu por ali um lindo casal de borboletas. Suas asas tinham cores belíssimas e todas as joaninhas queriam conhecer os novos vizinhos.

- Mas como são belas! – exclamou uma joaninha.

- Nunca vi nada tão bonito! – falou um pequeno caracol.

- Vão ficar por aqui, em nossa Vila? – perguntou a joaninha Anciã.

- Não, precisamos continuar – respondeu a borboleta – Mas deixaremos nossos filhos aqui, pois onde morávamos o ar ficou muito poluído sendo impossível de ficar lá.

- Ah! – exclamaram as joaninhas em coro.

- Cuidem bem de meus filhos! – pediu a mamãe borboleta.

E lá foram eles, voando pelo céu, deixando seus filhos na folhinha de uma flor. [Trecho do livro]

Assim, a partir das pesquisas, soube que as borboletas nascem como larva, vão se transformando em lagarta e ficam neste estágio por até um ano, então formam a pupa onde ficam por duas semanas até se transformarem numa borboleta, vivendo em torno de três a nove meses. As joaninhas também passam pelo mesmo processo, contudo, seu período como lagarta dura no máximo três meses.

As joaninhas estavam eufóricas, pois logo haveria várias borboletas na vila das joaninhas, embelezando ainda mais o lugar.

Passando alguns dias, os pequenos ovos começaram a eclodir e formou um grande alvoroço na pequena vila. Todos queriam ver o nascimento das borboletas.

E qual não foi a surpresa! De dentro dos ovinhos, saíram pequenas lagartas.

- Não parecem borboletas! - disse uma joaninha.

- Se acalmem minhas queridas. Assim como nós passamos por transformações, as borboletas também passam. Vamos ter paciência. – falou a joaninha anciã.

Mas o entusiasmo das joaninhas não era o mesmo. [Trecho do livro]

Surge, neste momento, a problemática central da história, momento em que é trabalhada a questão do bullying:

As pequenas joaninhas caçoavam de Molly dizendo que ela era feia e gorda de tanto que comia e que ela seria daquele jeito para sempre. Molly chorava e fazia um esforço para parar de comer e se transformar, mas ela sentia muita fome e não conseguia parar de comer. [Trecho do livro]

Apesar de se sentir humilhada, Molly toma uma atitude ante ao bullying:

Os dias se transformaram em meses e nada mudava, nada acontecia até que ela se conformou, não ligando mais para as gozações das joaninhas. E continuava comendo. NHAC, NHAC, NHAC... [Trecho do livro]

Passando essa primeira problemática, dá-se o clímax da história onde Molly entra na pupa, assustando as joaninhas:

Certo dia, Molly sentiu um grande sono que foi crescendo e crescendo e se preparou para dormir. Fez um cobertor que cobria todo o seu corpinho, parecendo uma casinha. A Pupa. E dormiu. As joaninhas ficaram assustadas pensando que a Lagarta Molly havia morrido.
- Ela morreu? – perguntou uma.
- O que faremos? – indagou outra.
E ficaram sem saber o que fazer. Decidiram que iam esperar alguns dias para ver se aconteceria alguma coisa e aí tomariam uma decisão. [Trecho do livro]

Como desfecho da história, Molly sai da pupa como uma bela borboleta:

Ao cabo de duas semanas a pupa da lagarta começou a se mexer, rachando. E todas as joaninhas foram ver o que iria acontecer. De dentro daquela pupa, saiu uma linda borboleta delicada e graciosa. Era a Molly que finalmente havia se transformado. [Trecho do livro]

Voltando a questão da problemática, no final da história vemos sua solução, através do comportamento das joaninhas e de Molly perante seus antigos acusadores:

As joaninhas admiradas sentiam-se envergonhadas com o que haviam dito para a Molly e se desculparam por todo mal que fizeram a ela. Molly que não havia guardado nenhuma mágoa das joaninhas, as perdoou e saiu feliz voando pelo lindo céu azul. [Trecho do livro]

Terminando assim a história como que como uma moral, um valor a ser observado e aprendido, mostrando para a criança que não deve devolver com mau o que de mau recebeu de outros. Assim, nas classificações citadas por Coelho (2000), a estrutura textual deste livro se encaixa na categoria de conto, sendo este livro destinado ao **leitor iniciante** e ao **leitor em processo**.

O livro “A Lagarta Molly” foi totalmente ilustrado, pela artista plástica Sonia Carmona Sabeter.

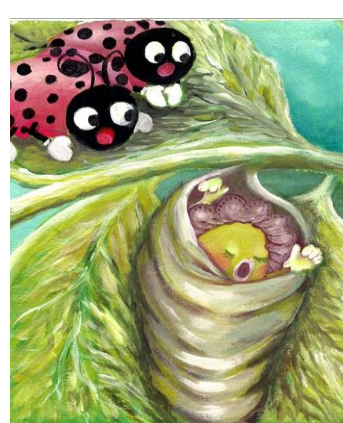
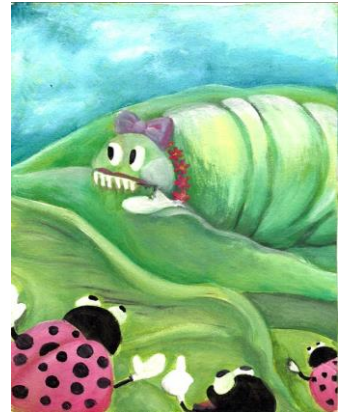
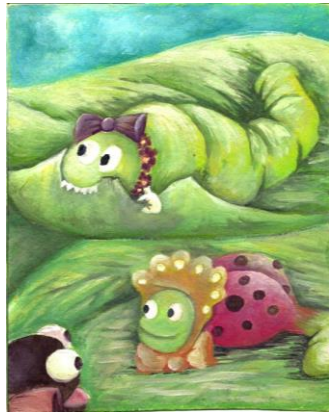
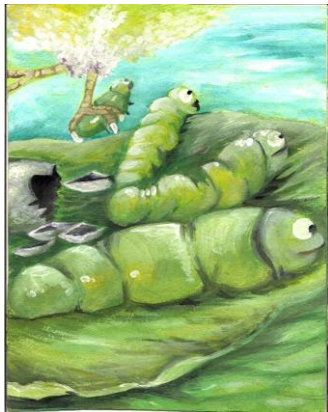
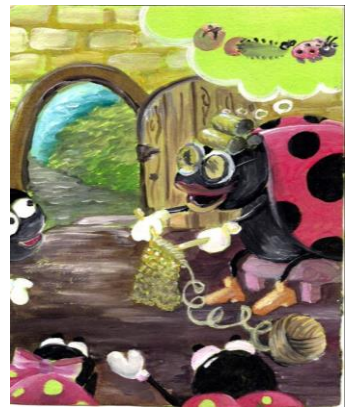
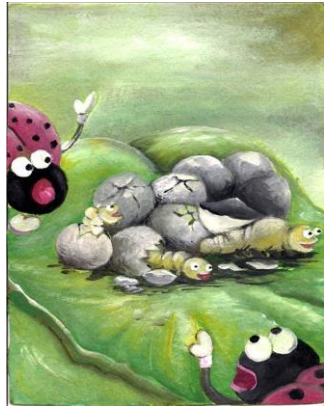
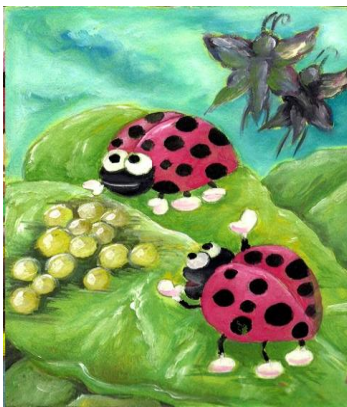
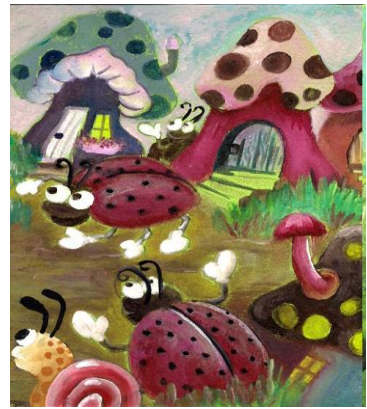




FIGURA 4: páginas do livro A Lagarta Molly
 FONTE: Nayara Soares e Sonia Carmona, 2014

Para a produção das ilustrações foram utilizados materiais de baixo custo, como o papel paraná e a tinta guache (vermelho, amarelo, azul), utilizando apenas para alguns retoques a tinta acrílica.

De acordo com as funções da ilustração descritas no capítulo anterior, as ilustrações do livro “A Lagarta Molly”, apresentam as funções descritiva (descreve o que ocorre no texto), estética (apresenta detalhes minuciosos) que chamam a atenção do leitor) e tradutora (auxilia no entendimento do texto. Ex: pupa), prevalecendo a função descritiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliar a qualidade da leitura da criança tem se tornado cada vez mais difícil e complicado, se não problemático, e isso se dá devido ao fato de que, na maioria dos casos, a criança não foi inserida adequadamente no mundo fantástico da leitura.

Como vimos no corpo deste estudo, há inúmeras maneiras de ingressar as crianças no mundo literário, promovendo assim, a leitura prazerosa e inculcando nas mesmas o hábito da leitura saudável.

Contudo, é fácil também encontrarmos o desinteresse pela leitura. Segundo Vargas (2009, p.08), a questão do prazer e do lúdico é pouco abordada tanto em casa quanto nas instituições de ensino o que torna o hábito de ler praticamente desinteressante. Mas como combater este desinteresse e promover a leitura?

Os escritores citados acima, Gregorin Filho (2009), Coelho (2000) e Pondé (1985), dão dicas e conselhos para que a prática da leitura aconteça, tanto na escola, quanto em

casa e em outros lugares, apenas necessita de alguém que esteja disposto a realizar este encargo.

A literatura infantil abrange cada fase de desenvolvimento humano, e possui um conjunto de livros adequados com textos específicos para cada faixa etária, e não apenas isto, também variam a linguagem, a forma de ilustração, entre outros, que cativam e encantam as crianças. Contudo, deve-se frisar mais uma vez que não é um modelo a ser seguido à risca, ou seja, deve-se respeitar a individualidade de cada um, a sua maturação como leitor.

É importante também lembrar que o livro infantil deve atender todas as necessidades do leitor, atendendo aos pré-requisitos (descritos acima) para ser um livro de qualidade.

A partir de todos estes pressupostos, é possível criar um hábito de leitura prazerosa, e isso deve partir não só da criança, mas também do meio familiar e, consecutivamente, do meio escolar. Para que a criança crie bons hábitos de alimentação ou boas maneiras, ela conta com o auxílio de seus pais que a instigam a obter estes hábitos, assim também se dá para a leitura, é o educador (seja o pai/mãe ou o professor) que deve incutir na criança o hábito de leitura.

No decorrer da vida acadêmica, houve a oportunidade de trabalhar no Programa de Extensão Mundo Mágico da Leitura. Durante este período, pude realizar adaptações literárias que me auxiliaram na construção de minha própria obra literária. O livro *A Lagarta Molly* surgiu a partir da paixão pela literatura infantil e pela inconformidade com algumas obras literárias atuais.

Portanto, ao analisar a importância da leitura desde a infância e a importância do livro infantil, pode-se observar claramente a importância da literatura, pois é ela que irá auxiliar no desenvolvimento da criança, promovendo um rico vocabulário, já que a cada leitura conhecerá novas palavras; aguçando a imaginação, onde nas páginas de cada livro surgem novas aventuras; e auxiliando em seu desenvolvimento emocional e sentimental, já que a criança vive no personagem suas emoções, angústias, vencendo com ele toda situação problemática que se apresenta, crendo que em sua vida – em sua realidade – pode ter um “final feliz”

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Spicione, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ªed. São Paulo: Moderna, 2000.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/cenestesia/> Acessado em 04 de Março de 2015.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 278 p. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro).

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

JÚNIOR, Arnaldo Nogari, *et al.* **A importância da leitura na infância**. Disponível em: http://www.cj.uenp.edu.br/files/Eventos/soletras/2010/anais/comunicacoes_individuais/soletras-2010-7.pdf Acessado em 18 de setembro de 2014.

Maçada, Débora Laurindo, *et al.* **O pensamento formal do ponto de vista do equilíbrio**. Disponível em: <http://penta2.ufrgs.br/edu/debora/equilibr.htm> Acessado em 20 de Fevereiro de 2015.

TERRA, Marcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget** 2003. Disponível em: http://scholar.google.com.br/scholar_url?url=http://www.ceap.br/material/MAT31082010183131.doc&hl=pt-BR&sa=X&scisig=AAGBfm3_9KL8vrgJ5-239mMy5_bJyVH6MA&nossl=1&oi=scholar&ei=tt9QVc3JM4KfgwSU1oCwAg&sqi=2&ved=0CBsQgAMoADAA Acessado em 12 de outubro de 2014.

VARGAS, Roberta Dannemann. **Desenvolvendo o gosto pela leitura na primeira infância: projetos escolares**. 2009. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1279/1/2009_RobertaDannemannVargas.pdf Acessado em 15 de outubro de 2014.

PONDÉ, Glória. O que é um livro infantil. In: **A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

ZATTONI, Mariana Costa. **Os sentidos e a aprendizagem**. Disponível em: <http://marianamaedeprimeiraviagem.blogspot.com.br/2010/03/os-sentidos-e-aprendizagem.html> Acessado em 14 de outubro de 2014.

ANEXO I

A VIOLETA ORGULHOSA.

Erceola Luiz Carle

14 OS LIVROS FALAM MUITO NO
POMAR DO

MONTEIRO LOBATO

sítio de Dona Benta, mas nunca se referem ao jardinzinho que lá havia, nos fundos da casa, antes do "quintal". O quintal era onde tia Nastácia batia roupa, ensaboava-a e punha-a no gramado para "quarar", isto é, expô-la ao sol. Sem isso a roupa não fica bem lavada. "Roupa a gente lava com água, sabão e sol", costumava dizer a boa preta. "Por que sol?" — perguntou Narizinho, e Nastácia respondeu que "quando o sol bate na roupa ensaboada, o sabão esquenta e cozinha a sujeira, a qual fica tão solta que sai com qualquer água. Sujeira de roupa que o sabão não cozinha, fica encruada, não sai, por mais que a gente esfregue."

Depois de lavada a roupa, a boa negra punha-a no varal para secar. Perto do tanque ficava o poço ou cacimba, que fornecera água à casa antes do encanamento da "agüinha da grota." Um poço muito bom, aberto pelo falecido João Poceiro. Sobre a cercadura de tijolos, alinha assim de quatro palmos do chão, repousava a tampa: um grande disco de cabiúna, madeira que dura toda a vida. Na tampa havia "o alçapão", que era uma abertura quadrada, com portinhola de dobradiças e cadeado. Esse cadeado foi posto no dia em que Dona Benta pilhou Emília e o Visconde tentando abrir a portinhola para medirem a profundidade do poço. "Apesar da curiosidade ser a mãe da ciência", declarou a boa senhora, "mais vale um burro vivo do que um sábio morto" — e mandou botar o cadeado, guardando a chave na cestinha de costura.

No poço ainda havia a bomba, que o Visconde afirmara ser das "aspirantes" — uma velha bomba enferrujada e que não funcionava mais, de tanto tempo que ninguém bulia nela. Depois do encanamento da água da grota, ficou sem função.

E que mais havia no quintal? Ah, sim — o galinheiro e o lenheiro, um com o bafo quente das galinhas e o outro com um poético cheiro de musgos úmidos.

— Isso, o quintal. E o jardim?

— O jardim era apenas um jardinzinho quase que só dessas flores antigas que ninguém vê nos jardins modernos, como sejam esporinhas, damas-entre-verdes, periquito, zínias singelas... Cada pessoa de casa tinha o seu canteiro no qual plantava o que queria. O de Nastácia começou muito bem, com cravinas, rosas e dalias, mas acabou transformado numa hortinha de coentro, mostarda, etc. e também de plantas medicinais, erva-doce, losna, mentruz-de-sapo, quebra-pedra, manjerição... Emília caçoava: "Isso nunca foi canteiro — é botical!"

O canteiro de Narizinho era o mais bem tratado, porque Narizinho sempre fora muito prestimosa e ordeira. Dava gosto ver o bem arrumadinho de sua cômoda, com cada coisa no seu lugar dentro das gavetas. O mesmo ali no jardim. Nunca ninguém viu um matinho, nem folhas secas, nem caramujos em seu canteiro, nem nada que não fossem pés de flores tão bem tratados que até pareciam plantas de exposição.

O canteiro do Visconde era apenas experimental, coisa mesmo de sábio. Tempo houve em que só havia ali zínias — a *Zinnia elegans*, a menos elegante de todas as flores.

— São umas perfeitas tontas! — havia dito certa vez Narizinho. Nunca acertam a mão, nem na forma, nem na cor. A cor das zínias é sempre atrapalhada.

— Como atrapalhada?

— Não é bem uma cor certa — é um "entre-côr." Fica no meio, não vai até ao fim. O côr-de-rosa das zínias não é bem cor-de-rosa, nem vermelho, nem carmim, não é bem coisa nenhuma. A zínia parece uma flor que ainda está apalpando, procurando o que ser — e não sabe o que quer.

E colhendo uma para amostra:

— Olhe esta, por exemplo. As pétalas não têm cor do lado de baixo, só no de cima; não são como as daquele cravo ali, que têm a mesmíssima cor no direito e

no avesso. As pétalas das zínias têm direito e avesso, como certas chitas ordinárias. E repare que as pétalas são ora muito compridas, ora muito curtas — irregularíssimas. E nascem sem ordem nenhuma aqui neste miolo do centro, o qual miolo é também muito irregular: vai desde as rodelinhas perfeitas das margaridas até esta espécie de comprido dedal, ou copa de cartola do tempo de dantes. Aqui está uma assim — e Narizinho colheu uma muito grotesca, com a sua enorme copa de cartola ou dedal, de onde saíam três ou quatro “tentativas” de pétalas. “Botar pétalas aqui, veja que asneira! Não é lugar de pétalas, e sim dos estames e pistilos, como o Visconde já me explicou. Estas porcariazinhas de pétalas nasceram aqui por engano, por erro da flor. As zínias erram muito, tal qual meninos vadios que nunca sabem a lição. Estas pétalas tontas, vendo o erro, pararam de crescer, ficaram bobamente fora do lugar certo — e a menina as foi arrancando sem dó de todas as zínias erradas ali do canteiro. “Espirros de pétalas, bolas! Até os talos as zínias não sabem fazer. Repare. Uns talos ocos, fraquíssimos, que a gente pega e já quebram, ou pendem. Também não sabem fabricar folhas bonitas. Veja como são ásperas, pura lixa. E dum verde feio, sujo. E de forma deselegante.”

Foi por causa dessas críticas de Narizinho que o Visconde resolveu encher o seu canteiro só daquela flor, para estudá-las e aperfeiçoá-las por meio da seleção e fixação das qualidades. “Hei de disciplinar estas boêmias tontas” — dizia o sabuguinho científico.

E o canteiro da Emília? Ah, esse variava muito. Cada estação, uma espécie diferente de flor. Tempo houve em que ela só quis saber de violetas — e o seu canteiro virou um violetal.

Foi quando aconteceu aquele caso da violeta orgulhosa. Emília só havia plantado violetas roxas, com as quais conversava todos os dias, enquanto as apa-

nhava para a formação de ramalhetinhos. Certa vez encontrou-as muito agitadas.

— Que há por aqui, amorecos? — perguntou Emília; e uma das violetas, justamente a mais sábia e pernóstica da floração daquele ano, empinou-se no cabinho e disse: “O que há é que esta noite desabrochou entre nós uma violeta branca que está nos irritando com a sua insolência e orgulho. Só porque é branca e única no canteiro, faz o maior pouco caso em todas nós, torce o nariz se a olharmos e não dá a honra de responder às nossas perguntas.”

Emília, contentíssima por ter uma violeta branca em seu violetal roxo, procurou-a e descobriu-a logo. Era de fato uma linda violeta branca, das mais folhadas, repolhuda mesmo. Estava ali em seu cabinho, toda estufada como um peito de pomba, ou pipoca das gordas. E fazia uma tal cara de pouco caso nas outras, que Emília não pôde deixar de rir-se.

— Incrível que até entre as flores haja estes sentimentos baixos tão comuns entre as criaturas humanas! — filosofou a ex-boneca. E como falava com as violetas como se fossem gente, perguntou:

— Escute cá, violetinha. Não estou entendendo o seu orgulho. Todas as violetas Jaqui são irmãs. Nascem da mesma espécie de planta, que o Visconde diz ser da família das *Violáceas*. Todas têm a mesma forma de pétala, o mesmo cabinho e o mesmo perfume. Será que você é mais perfumada que as outras ou tem o cabinho mais comprido? — e cheirou-a e examinou-a para certificar-se.

— Não! Apesar de branca, você cheira tanto como qualquer violeta roxa. E o cabinho é o mesmo. Por que, então, essa proa toda, esse orgulho, essa empáfia, esse ar de rainha quando as outras espicham para você olhares compridos e tímidos?

A violeta branca arrufou-se como um peru que faz *puf!* e disse:

— Não tenho culpa de ter nascido diferente de minhas irmãs. Sou *mais!* E se

a natureza me fez mais que as outras tenho o direito de fazer como fazem lá entre os homens os que são mais que os outros: os reis, que têm mais poder; os ricos, que têm mais dinheiro; os bem conformados, que têm mais beleza; os sábios, que têm mais sabedoria, etc. Pertencço à aristocracia dos que são mais... concluiu aquela pipoca vegetal, arrufando-se toda, *puf!*...

A insolência da violeta branca fez que Emília engasgasse e ficasse sem ter o que dizer. Não encontrou argumentos. Limitou-se a murmurar: "Já se viu que coisa? Até parece que tem a Catarina de Médicis na barriga!"

As violetinhas roxas, que tinham ouvido a conversa, ficaram muito desapontadas e mais humildes ainda. A princípio, quando viram Emília interpelar a orgulhosa violeta branca, exultaram, certas do triunfo da ex-boneca. Mas nada disso aconteceu. Em vez dum duelo em que Emília achatasse a proa daquele orgulho, houve apenas um diálogo do qual a violeta branca saiu mais de cima ainda e mais orgulhosa. E como tivesse a consciência do triunfo, lá estava erecta em seu cabinho, a fazer *pufs* de peru, um atrás do outro. Se alguma violeta roxa humildemente lhe dirigia a palavra, ela nem dava a honra de responder; fazia um *puf!* e virava a cara. Já nem parecia violeta, uma florzinha tão amada pela sua modéstia. Tinha virado um *puf!* *puf!*...

Não achando argumentos para discutir com a violeta branca, Emília foi buscar o Visconde, o qual tinha respostas científicas para tudo. Enquanto isso as violetas roxas encolheram-se em seus hastis, a espiarem com o rabo dos olhos a orgulhosa irmã, que até parecia de pé no cabinho, de tanta proa.

Emília conferenciou e voltou com o Visconde. Bateu palmas, para chamar a atenção das violetinhas. Vendo todas voltadas para ela, disse:

— Violetas: saibam que essa violeta branca é uma oferecida. Nasceu neste

canteiro ninguém sabe como, porque eu nunca plantei violeta branca. É como é a única dessa cor em todo o violetal, ficou orgulhosa e insolente como você sabem. Parece um peru estufado.

A violeta branca fez nesse momento mais um *puf!*, como que para confirmar as palavras da Emília.

— Estão vendo? — continuou esta. A violeta branca passa os dias a provocar as outras, a fazer pouco caso nas coitadinhas. E por que? PORQUE É MAIS QUE AS OUTRAS, como me confessou. Já que a natureza a fez mais que as outras, acha-se no direito de abusar da situação.

O Visconde interrompeu-a.

— Espere, Emília. Não estou entendendo bem. Diz você que ela é mais que as outras. Eu pergunto: em quê?

— É mais na cor, por ser branca — respondeu Emília.

O Visconde deu uma risada gostosa.

— Oh, santa ignorância! — exclamou em seguida. As violetas roxas são roxas por *terem* nas pétalas pigmentos roxos. As violetas brancas são brancas por *não terem* pigmento nenhum. Pergunto eu: quem é MAIS — quem *tem*, ou quem *não tem*?

— Quem tem, está claro! — responderam as violetas roxas.

— Logo, vocês são mais que a violeta branca, porque vocês têm pigmentos e ela não tem!

As palavras do Visconde foram uma revelação. Todas abriram bem a boca e arregalaram os olhos. Emília, então, pondo as mãozinhas na cintura, voltou-se para a orgulhosa e disse:

— Vamos lá, ariana! Responda a este argumento do Visconde.

A violeta branca engasgou. Se as outras *possuíam* pigmentos e ela não, nada mais claro que as outras tinham algo mais que ela e pois eram mais ricas...

O Visconde fechou o debate com estas palavras:

— A cor das flores decorre da pig-

mentação. Quando falamos em "cor branca" dizemos uma asneira, porque para haver cor é preciso que haja pigmentação e o branco é justamente sinal de ausência de pigmentação — continuou a falar cientificamente em cor e pigmentos, mas já sem auditório. As violetinhas roxas não quiseram mais ouvi-lo, de tão radiantes que estavam com a vitória. O que queriam era trocar impressões e lançar olhares de dó para a violeta branca. Por que de dó? Porque a violeta branca havia derrubado a cabeça e começado a murchar, de tanta tristeza e humilhação...

O periscópio

O Visconde de Sabugosa era um sábio; mas que também fosse um inventor, isso o mundo só ficou sabendo no dia em que ele apareceu com uma "surpresa". Emília bem que desconfiou, e o andou espionando para ver se descobria por que motivo ele se fechava em seu laboratorinho durante horas e horas, isso durante semanas. Mas afinal o mistério se esclareceu: o Visconde estava trabalhando na invenção dum periscópio para enxergar o invisível!...

— Que história é essa?

— Ah, uma coisa muito séria e importante. O Visconde havia partido de uma idéia muito original, que era a seguinte. O mundo que nos rodeia está cheio de coisas visíveis e invisíveis. As visíveis nós as vemos com os nossos olhos; mas as invisíveis só poderão ser vistas por meio de um invento — e pôs-se a inventar o tal periscópio. E inventou-o, e um dia em que todos estavam na varanda apareceu com um embrulho debaixo do braço. Chegou, tossiu o pigarrinho e disse:

— Respeitável público: aqui tenho comigo a mais prodigiosa invenção que já se fez neste mundo: o Periscópio do

Invisível, ou o instrumento que nos permite ver as mil coisas invisíveis que nos rodeiam — e começou a desembrolhar o pacote. Saiu uma caixa de papelão. E de dentro da caixa de papelão, um instrumento com forma de canudo.

— Aqui está a minha invenção — disse ele. Compõe-se deste canudo, que eu largo perto do que quero ver; e deste fio de arame que eu desenrolo e ligo a este binóculo...

— O meu binóculo! — exclamou Dona Benta. Tinha desaparecido. Onde o encontrou, Visconde?

— No galinheiro. Mas estava sem vidros e eu apenas aproveitei a armação. O que há dentro dele são coisas feitas por mim e fazem parte do invento.

Pedrinho, que não estava ali, chegou nesse instante, muito vermelho de sol, chupando uma cuia de laranja-lima. Ao ver o binóculo gritou:

— O meu binóculo! Onde estava? Há quanto tempo ando procurando o meu binóculo...

— Seu, não! Dobre a língua. O binóculo é de vovó — protestou Narizinho.

Dona Benta interveio para evitar celeuma: "Pedrinho está certo. O que é meu é dêle também."

— Mas onde estava? — insistiu o menino, e quando soube que o Visconde o havia encontrado no galinheiro, debaixo da palha de um ninho de galinha, fulminou Emília com os olhos. Quem poderia ter escondido lá o binóculo senão ela? Sempre que brigava com alguém, a vingancinha de Emília era essa: esconder os objetos de mais estimação do "inimigo."

O Visconde falou meia hora sobre a sua invenção, e ia entrar na parte puramente científica quando Emília o interrompeu.

— Isso fica para depois. Agora o que queremos é a demonstração na batata! Mostre-nos uma coisa invisível, senão eu já escangalho com essa joça.

— Vê, Sinhá, como está ficando esta

APÊNDICE I

A Violeta Orgulhosa

No sítio da Dona Benta há um jardim onde cada um tem a sua parte e o canteiro da Emília é o mais colorido. Em cada estação, há uma espécie diferente de flor. Houve um tempo em que ela só quis saber de violetas e o seu canteiro virou um violetal.

Foi quando aconteceu o caso da violeta orgulhosa. Emília só tinha plantado violetas roxas, com as quais conversava todos os dias enquanto as apanhava para a formação de ramalhetinhos. Certa vez encontrou-as muito agitadas.

- Que há por aqui, amorecos? - perguntou Emília.

- O que há, é que esta noite desabrochou entre nós uma violeta branca que está nos irritando com a sua insolência e orgulho. Só porque é branca e única no canteiro, fez o maior pouco caso de todas nós, torce o nariz se a olhamos e nem se da ao trabalho de responder nossas perguntas. - respondeu a violeta mais sábia daquela floração.

Emília contentíssima por ter uma violeta branca em seu violetal roxo, procurou-a e logo a encontrou. Era de fato uma violeta branca, das mais folhadas. Estava ali em seu cabinho, toda estufada e fazia cara de pouco caso para as outras, que Emília não pode deixar de rir.

- Escute cá, violetinha. Não estou entendendo o seu orgulho. Todas as violetas daqui são irmãs. Todas têm a mesma forma de pétala, o mesmo cabinho e o mesmo perfume. Será que você é mais perfumada que as outras ou tem o cabinho mais comprido? - e cheirou-a e examinou-a para certificar-se.

- Não. Apesar de branca, você cheira tanto quanto violeta roxa. E o cabinho é o mesmo. Por que então essa proa toda? Esse orgulho todo? Esse ar de rainha quando as outras espicham pra você olhares compridos e tímidos?

A violeta branca arrufou-se como um peru e disse:

- Não tenho culpa de ter nascido diferente de minhas irmãs. Sou MAIS! E se a natureza me fez mais que as outras, tenho o direito de fazer como fazem lá entre os homens que são mais que os outros: os reis têm mais poder; os ricos têm mais dinheiro. Eu pertenço à nobreza dos que são mais!

A insolência da violeta branca fez com que Emília se engasgasse e ficasse sem ter o que dizer. Não encontrou argumentos. Limitou-se a murmurar: "Já se viu que coisa?!"

As violetinhas roxas, que tinham ouvido a conversa, ficaram mais desapontadas e mais humildes ainda. Esperavam que Emília triunfasse sobre a violeta branca, mas nada disso

aconteceu. E lá estava a violeta branca, ereta e orgulhosa. Se alguma violeta roxa humildemente lhe dirigia a palavra, ela virava a cara.

Não achando argumentos para discutir com a violeta branca, Emília foi falar com o Visconde, que sempre tinha respostas científicas para tudo. Emília conversou com ele e depois voltou. Bateu palmas para chamar a atenção das violetinhas. Vendo todas ali, disse:

- Violetas: saibam que essa violeta branca é oferecida. Nasceu neste canteiro ninguém sabe como, porque eu nunca plantei violeta branca. E como é a única dessa cor em todo violetal, ficou orgulhosa e insolente como vocês sabem. Parece um peru estufado.

A violeta branca nesse momento estufou o peito, como que para confirmar as palavras de Emília.

- Estão vendo? A violeta branca passa o dia a provocar as outras, a fazer pouco caso das coitadinhas. E por quê? Por que se acha mais que as outras, como me confessou. E por se considerar assim, acha-se no direito de abusar da situação. Mas eu pergunto: mais em quê?

- Ora! Eu sou branca! - falou a violeta branca.

- As violetas roxas são roxas por terem nas pétalas pigmentos roxos. As violetas brancas são brancas por não terem pigmento nenhum. Vocês são diferentes e isso é ótimo! Imaginem que chato seria o mundo se todos fossemos iguais?

As palavras de Emília foram uma revelação. A violeta branca arregalou os olhos e abriu a boca, caindo em si. Já não estufava o peito quando humildemente disse:

- Ora, pois então me desculpem! Por um momento esqueci que somos da mesma família e que, dentro e fora dela, todos são diferentes, não tendo alguém que seja melhor que o outro.

- Isso mesmo, violeta branca! Devemos tratar todos com respeito, independente das diferenças! - disse uma das violetas roxas.

As demais violetas decidiram esquecer a arrogância da violeta branca e a aceitaram de volta como irmã.

Emília sorriu satisfeita por ter resolvido a confusão em seu violetal. Agora todas as violetinhas estavam alegres e bonitas.

ANEXO II

A FADA DAS MIL CORES

Esta é fada das mil cores, que gosta de cuidar das árvores e pintar as flores.
Ela pinta as pétalas das flores lá no alto das árvores com muitas cores...
E a dada vai pintando, pintando.
As abelhas amigas das fadas chagam para ajudar.
Voam de um lado para o outro, buscando tinta nas flores vizinhas.
Depois de pintar e pintar, a fada foi descansar...
Deitada sobre a folha de uma árvore.
Dormiu e sonhou com pétalas de mil cores.

A FADA ALVA

Eu sou a fada alva, amiga das borboletas.
Gosto de voar até a montanha coberta de neve.
Hoje o dia está agitado e algo diferente pode acontecer.
Minhas amigas borboletas estão voando de um lado para o outro.
As formigas estão trabalhando sem parar.
Estão juntando sementes e folhas para levar ao formigueiro.
Os passarinhos já estão terminando de fazer seus ninhos com muita palha e galhinhos secos.
Mesmo trabalhando muito, estão felizes e cantam alegremente.
Querem deixar tudo pronto para ver algo especial acontecer.
Surpresa! A neve branquinha, leve e suave está caindo, e todos agora podem olhar de dentro das suas casinhas. Que lindo! Logo poderão brincar com ela.

A FADA DOURADA

Era uma vez uma menina que queria conhecer o reino das fadas.
Para sua surpresa muitas delas apareceram em seu jardim.
Mas elas eram todas sapecas, porque se escondiam atrás das flores.
Algumas se mostravam com muitas cores e tinham asas pequenas como a das borboletas.
E também eram alegres e delicadas.
Uma delas era como uma luz dourada, cintilante e transparente.
Parecia ser a rainha de todas as fadas desse reino.
Surpresa, a menina descobriu que os lugares preferidos pelas fadas ficam nas árvores, entre as flores e sobre as águas.

Coleção a Magia das Fadas
Autora: Ursula Korol
Editora: Todo Livro

APÊNCICE II

NINA E AS FADAS

(NARRADOR) - Era uma vez, uma menina chamada Nina que queria conhecer as fadas. Ela plantou muitas flores em seu lindo jardim, pois sabia que era o lugar preferido das fadas, onde construíam suas lindas casinhas.

Todos os dias Nina ficava vigiando o jardim a procura de uma fada.

Certo dia, Nina viu uma fada pintando as flores e ficou encantada, ela era delicada e muito alegre. Foi devagarzinho para não espantá-la e perguntou:

(NINA) – Olá linda fadinha, qual é o seu nome?

(MIL-CORES) – Eu sou a Fada-das-Mil-Cores, pinto as pétalas das flores e as folhas das árvores com todas as cores. E você quem é? – perguntou a fada.

(NINA) – Me chamo Nina. Mas que legal! Você pode pintar as flores com as cores mais vivas e brilhantes. Imagine só, ser responsável por pintar tudo na natureza! – falou a menina

(MIL-CORES) – Sim é uma grande responsabilidade. Mas faço com muito amor. – disse a Fada-das-Mil-Cores.

(NARRADOR) - Nina começou a pensar e logo teve uma ideia. E com uma imensa alegria, perguntou:

(NINA) – Será que eu posso pintar uma flor?

(MIL-CORES) – Não sei não. Se a Rainha, a Fada Dourada, ver pode acabar não gostando. – falou a Fada-das-Mil-Cores receosa.

(NINA) – Só uma! Prometo que faço bem feitinho! Por favor! – implorou Nina.

(MIL-CORES) – Está bem! – dia a Fada-das-Mil-Cores entregando o pincel para a Nina.

(NARRADOR) – Nina começou a pintar a flor. Mas, de tão empolgada, acabou trocando de cor várias vezes deixando a flor toda colorida.

(MIL-CORES) – Minha nossa! Você juntou as cores e a flor ficou colorida, e agora? E se a Fada Rainha descobre? Com certeza vai me castigar! – falou a Fada-das-mil-cores aflita.

(NINA) – Oh! Mil desculpas! Eu estava tão empolgada que nem reparei. O que faremos agora? – perguntou Nina, quase em prantos.

(NARRADOR) – Nesse momento, chegou a melhor amiga da Fada-das-Mil-Cores, a Fada Alva. Ela é a fada da neve, que deixava tudo branquinho nos dias de inverno. Vendo aquela situação perguntou:

(ALVA) – Mas o que foi que aconteceu?

(NARRADOR) – Enquanto a Fada-das-Mil-Cores explicava a Fada Alva, a Rainha vinha se aproximando do jardim.

(MIL-CORES) – E agora, como vou explicar isso a Fada Rainha? – argumentou a Fada-das-Mil-Cores.

(ALVA) – Bom! Posso tentar cobrir a flor com a neve. – sugeriu a Fada Alva.

(MIL-CORES e NINA) – Boa ideia! – exclamaram ambas.

(NARRADOR) – E assim a flor foi coberta pela neve.

Quando a Fada Dourada, a Rainha, apareceu, todas estavam amedrontadas.

(DOURADA) – O que aconteceu? – perguntou a bondosa Rainha – Por que estão amedrontadas?

(MIL-CORES, NINA e ALVA) – Nada! Nada! – responderam, ficando na frente da flor para escondê-la.

(NARRADOR) – Mas a Fada Rainha, muito esperta, já sabia o que tinha acontecido.

(DOURADA) – Não fiquem com medo – falou afastando-as da flor.

(NINA) – Me perdoe Fada Rainha, não tive a intenção de estragar a flor. – falou Nina cabisbaixa.

(DOURADA) – Tudo bem! – tirando toda neve - Está será uma flor muito especial e se chamará Mil - Cores. Mas lembrem-se; fazer algo errado e tentar esconder mentindo é muito ruim. Sempre deve contar a verdade. Que isso não se repita certo?

(MIL-CORES, NINA e ALVA) – Certo! – responderam animadas.

(NARRADOR) – A Fada Rainha foi embora deixando as fadas e a menina brincando no jardim.

Aliviadas, brincavam tranquilas. Haviam aprendido uma valiosa lição; não se deve mentir, e sim falar a verdade, pois a verdade permanece e a mentira tem perna curta.